

REAPROPRIAÇÃO DA OBRA PELO LEITOR: PELA SUBJETIVIDADE NO ENSINO DA LEITURA LITERÁRIA NO MESTRADO PROFLETRAS DA UFPE

Rosiane Xypas

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: A formação docente na contemporaneidade possui diversos meios, no que diz respeito à metodologia do ensino de Literatura na sala de aula. Vale ressaltar que a didática da literatura pode contar com teorias semióticas e cognitivas auxiliadas, na maioria das vezes, pelas Tecnologias de Informação e Comunicação, as chamadas TIC's, no ensino-aprendizagem da leitura literária. Entretanto, o característico da leitura literária é que o leitor seja modificado pela Obra, e que esta, pelo leitor. Ora, como medir estes fatos? Na escola, nem se verifica o que se modifica no leitor com a leitura da Obra, nem tampouco, o que se modifica na Obra pelo leitor. Todavia, no século XXI, na França e no Canadá, diversos pesquisadores da didática da Literatura se inquietaram e buscaram meios de favorecer um ensino da disciplina em questão que corresponda ao aluno deste século, que lhe abra horizontes para a entrada de sua subjetividade na leitura do texto literário. E apresentam-nos, esses teóricos um lugar à análise da subjetividade desse leitor modificador de Obras. Neste estudo, o objetivo geral é apresentar uma proposta de ensino da leitura literária para ser aplicada na escola visando a promover a explicitação da subjetividade do leitor na leitura do texto literário. Os objetivos específicos são verificar o que foi mudado na Obra pela leitura do leitor literário e analisar a subjetividade necessária e acidental do leitor literário. A metodologia desta pesquisa é de cunho qualitativo. A análise da subjetividade aqui proposta será feita com um trecho da Obra literária com a qual trabalhamos na sala de aula do Mestrado Profletras da Universidade Federal de Pernambuco, a saber, Como um romance de Daniel Pennac. O aporte teórico-metodológico deste estudo se baseia em teorias da literatura visando à recepção do texto literário centralizado no leitor tendo a leitura literária como retorno a si graças ao apelo do texto. Enfim, o que foi observado é que o leitor literário apresentou um lugar de destaque no trecho da obra analisada porque cada um deles precisou dar de si explicitando sua subjetividade tanto acidental que é aquela que escapa ao texto quanto à subjetividade necessária que é aquela em que tanto o texto quanto o autor calam e o leitor fala. O ensino da leitura literária dando voz ao leitor propicia mais que a compreensão do texto que poderia ficar apenas no nível cognitivo, mas implica-o ainda mais na obra modificando-a e favorecendo a modificação do leitor porque este foi considerado quando liberado sua voz interior.

Palavras-chave: Formação Docente, Leitura literária, Subjetividade.

Introdução

Pode-se apostar na capacidade dos processos cognitivo, metacognitivo e sócio afetivo do leitor literário do século XXI? Postulamos que sim, pois, unindo os três processos que acabamos de mencionar e visando a análise da recepção da leitura literária pelo viés do processo sócio afetivo, afirmamos que a emoção reorienta a cognição ajudando o sujeito leitor a reter e a selecionar as informações recebidas de uma forma em geral, e na da leitura de texto literário, em particular.

A formação docente na contemporaneidade possui diversos meios, no que diz respeito à metodologia do ensino de Literatura na sala de aula. Ressaltamos que a didática da Literatura pode

contar com teorias semióticas e cognitivas auxiliadas, na maioria das vezes, pelas Tecnologias de Informação e Comunicação, as chamadas TIC's, no ensino-aprendizagem da leitura literária. Entretanto, o característico da leitura literária é que o leitor seja modificado pela Obra, e esta, pelo leitor.

Na escola, como fazer para mensurar o que o leitor modifica da obra? Eis a proposta que tentaremos desenvolver neste artigo baseando-nos, por um lado, em leituras teóricas sobre a leitura subjetiva e o ensino da Literatura. Assim, vamos apresentar a experiência feita com atividades pedagógicas realizadas no curso de leitura do texto literário na sala de aula do Mestrado Profissional em Letras.

O objetivo geral deste estudo é, portanto apresentar uma proposta de ensino da leitura literária para ser aplicada na escola visando a promover a explicitação da subjetividade do leitor na leitura do texto literário. Os objetivos específicos são verificar o que foi mudado na Obra pela leitura do leitor literário e analisar a subjetividade necessária e acidental do leitor literário à luz de teóricos contemporâneos.

Escolhemos para tal, explorar pedagogicamente o capítulo 56 do livro de Daniel Pennac *Como um romance*. Este foi publicado originariamente, em 1992 na França pela Gallimard e, em seguida, pela Edição Folio de bolso. Ele foi traduzido em língua portuguesa em 1993 e foi com esta versão que trabalhamos com os alunos no Mestrado PROFLETRAS.

O capítulo em questão será analisado pela metodologia qualitativa com análise das subjetividades necessária e acidental dos sujeitos leitores no sentido do teórico Vincent Jouve (2004). Quando pensamos no viés deste trabalho temos em mente destacar, certo a subjetividade do leitor no ato da leitura literária, mas também promover a Educação Literária que engloba, a nosso ver, um conjunto de fatos e atos constituintes oriundos tanto do meio no qual o leitor literário se encontra como também a maneira pela qual ele consegue compreender seu papel social de leitor literário, relacionando recepção e criação literária.

Este artigo está dividido em quatro partes, a saber, na primeira voltamos nossa compreensão para entender a função social da Educação Literária para a escola; na segunda parte, entender o que significa a subjetividade dita necessária e a acidental; na terceira, apresentaremos a análise do capítulo escolhido neste estudo e finalmente a última, apresenta os resultados obtidos da pesquisa em questão, esperando assim contribuir com a formação de jovens leitores.

Por uma Educação Literária na sociedade do século XXI

Pensar na Educação Literária nos impõe compreendermos dois conceitos vastos e fundamentais que permeiam a Escola: educação e literária. A palavra Educação, na segunda entrada do dicionário Houaiss (2001), é definida como “aplicação de métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano”. A Educação pode contribuir para desenvolver atividades que fomentem a análise de ideias que formam o ser. Quanto ao vocábulo *literária*, este se encontra no masculino singular, no mesmo dicionário acima citado, temos o que segue: “[literário é o] que constitui uma análise e apreciação de obras de literatura” (2001).

Neste contexto, vinculamos o termo Educação à Literatura, por isso, o norte que damos aqui sobre a Educação Literária na metodologia adotada. Ao que tudo parece, se acreditarmos que a educação pode assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano, ela, neste contexto, poderá ser entendida como um processo de ensinar e aprender Literatura, pois todo processo é um meio que engloba diversos fatores que podem ser observáveis e dentre eles, o da subjetividade humana. A ligação que faremos então com estas duas palavras visa a apresentar caminhos nos quais o professor de Língua possa colocar o leitor no centro de interesse do trabalho com o texto literário fazendo-o explicitar sua subjetividade e cultivar sua imaginação.

Assim a constituição de uma Educação Literária aqui proposta não é simples, bem o sabemos. Certo, há diversas dificuldades na Escola quando se propõe trabalhar com textos literários. No entanto, é essa mesma Escola desafiadora que consideramos como o coração do desenvolvimento do processo subjetivo interpretativo para o estudo da leitura do texto literário no século XXI.

Na voz de Leyla-Perrone Moisés (2016), desde o século XX a Literatura teve um declínio social considerável que afetou seus estudos e seu prestígio na sociedade. Ora, sendo a sociedade mercadológica e voltada para a praxis, ter um “ensino secundário que simplifica e racionaliza os currículos, com base na preparação dos alunos para a vida prática, tende a considerar a literatura como disciplina supérflua”. (2016, p.70). Todavia, qual o lugar para a reapropriação do sujeito leitor pela Obra? Nos modos acima expostos pela voz da autora citada neste parágrafo, fica bem claro a “guerra” entre o que impõe racionalização e o que parece levar a literatura para o lado emocional visto de modo desprezível por alguns. Há assim um hiato claro entre a razão e a emoção. Em outras palavras, tudo se passa como se, porque a Literatura não apresenta uma função imediatista, ela fosse vista como menos importante na sociedade imediatista em que vivemos. Mas onde e como fica a

parte da aquisição na aprendizagem humana apesar do imediatismo concebido nos dias atuais? Que lugar é pensado no plano afetivo que atinge à aprendizagem?

Ora, se nos voltarmos para uma explicação da neurobiologia sobre o plano afetivo, a didática das Línguas vem se apropriando da ciência em questão para fazer um apelo ao sujeito-leitor. Pois, este, enquanto ser humano deveria compreender seu funcionamento cerebral e então reter em sua memória a longo termo que “nenhuma parte do cérebro não funciona isoladamente”. (ROLLAND, 2011, p. 97). Teremos assim, dizem os neurobiologistas, duas partes do cérebro, ou seja, os hemisférios cerebrais que funcionam dependendo uma da outra. Segundo Rolland (2011, p. 96-97), podemos ler o que segue:

[...] Convém destacar a relações entre os dois hemisférios cerebrais. O esquerdo seria o apanágio da linguagem, da lógica, da análise, do raciocínio, da fala, da categorização, da discriminação, da seleção e da compreensão semântica. Ele permite a compreensão detalhada. E, quanto às numerosas características do hemisfério direito, temos a linguagem estereotipada, os sons não verbais, as melodias, os barulhos, os ritmos, as relações espaciais, a compreensão intuitiva, a criatividade, o visual, a intuição, a memorização, a imaginação e a síntese”.

Entendemos desse modo que o cérebro em constante funcionamento se constrói nestes dois hemisférios. Cada um apresentando, sustentando funções essenciais para um bom equilíbrio do todo. Na escola, portanto, espera-se que em todas as atividades em geral, e as de leitura literária em particular que é o foco de nosso interesse neste, sejam bem planejadas, ou seja, as atividades devem ser compostas por questões nas quais demandem do cérebro do leitor as numerosas possibilidades de se explorar seus dois hemisférios. Pensamos que a reapropriação da Obra pelo leitor, por sua necessidade de explicitação subjetiva pode ser um instrumento metodológico para o trabalho com a leitura literária. Explicaremos este ponto mais adiante.

Em se tratando de leitura de texto literário atualmente é difícil conceber a leitura literária sem a implicação do leitor. Não dá para ficar mais em atividades nas quais o aluno deva se limitar a escrever apenas o que o *eu lírico disse, fez e sente! Ou o personagem A, B e C disse, fez e sente na narrativa Y!* Entretanto, na prática, como proceder para que a leitura literária possa ser encarada como um ato de prazer? Ora, no que concerne a imaginação do leitor quando aliada ao apanágio da linguagem poderemos entender que os dois hemisférios cerebrais estão relacionados aumentando ainda mais a capacidade do sujeito-leitor na construção de sentidos do texto lido, apelando para os dois hemisférios cerebrais que poderão então dar fruição e prazer no ato da leitura literária.

Vale à pena ressaltar ainda que o hemisfério direito trata a informação de maneira linear, ela vai de um ponto a outro e segue o processo passo a passo enquanto que o esquerdo está ocupado em separar os elementos que constituem o todo. Graças ao hemisfério direito poderemos nos especializar na combinação dos elementos para criar um conjunto porque ele se ocupa em sintetizar, e trata a informação simultaneamente e não linearmente, conforme afirma Rolland (2011).

Nesse momento se faz necessário ampliar a noção de leitura subjetiva referente ao sujeito-leitor e o coloca no coração da atividade leitora. Este passo parece ser fundamental para a Educação literária desse sujeito-leitor na sociedade do século XXI.

Subjetividade necessária e subjetividade acidental: proposta de atividade para a leitura literária

À procura de compreendermos o que é a subjetividade literária, chegamos a uma primeira conclusão que ela pode se apresentar de duas formas perceptíveis, portanto a não analisável e a analisável:

- A perceptível não analisável é aquela que sempre escapará ao analista porque escapa àquele que a vivencia.
- A perceptível analisável advém da releitura de um trecho da obra ampliando a demanda de explicitação das emoções do leitor.

A primeira forma da leitura subjetiva se resguarda no foro íntimo, no aconchego da mais profunda intimidade de quem lê. A subjetividade que escapará sempre ao analista advém de suas primeiras emoções, o desvendar de um contato adâmico desbravado pela leitura. Ele, o leitor, é impotente face às emoções que sentirá diante do que lê. Ele perde e se perde concomitantemente nos recônditos mais sombrios, úmidos e íntimos do seu eu que vai sendo desvelado pouco a pouco.

A segunda forma, ao contrário, vai dar o norte aos sentimentos advindos da programação do texto lido, pelo viés da cognição que é condicionada pela emoção. Os vazios, uma vez preenchidos, terá o leitor reunido todas as condições para este enfim. Em uma só frase: ele poderá explicitar suas emoções. Mas esta atitude ou postura na leitura literária só pode ser efetivada se o leitor for levado pela tomada de consciência do seu saber sobre o que sente. E isso depende enormemente do agir professoral para despertar tal atitude no aluno. Quando o leitor preenche o vazio deixado pela Obra, ele deveria sentir uma aproximação de si próprio, de seu reconhecimento, de uma leitura como retorno a si, da qual fala Jouve (2004/2013). Assim, quando o leitor entende que pode explicitar suas emoções e o faz, este se surpreende agradavelmente, em geral. Não seria este um ato de leitura

memorável que todo leitor deveria experimentar? Não poderia ser este um caminho a percorrer os alunos mediados pelos professores porque aqueles poderão vislumbrar o texto lido de outra maneira? Encontrar-se consigo mesmo pelo outro para estender sua dimensão humana?

Postulamos que essa tomada de consciência, segundo a qual se pode explicitar as emoções advindas da leitura de textos literários, chega a seu ápice tendo a reapropriação da Obra pelo leitor. Mas esta reapropriação só pode ocorrer quando o leitor literário tiver consciência de seus passos na leitura, ou seja, se se utiliza das estratégias subjetivas de leitura que o ajudam na construção de sentidos da Obra lida.

Então, como desenvolver na escola esse jogo poderoso da leitura literária que convida o leitor literário a se formar como tal, apostando no viés da subjetividade?

A reapropriação da Obra pelo leitor e sua explicitação subjetiva como um instrumento metodológico de ensino da leitura literária

Apropriação é um ato ou efeito de apropriar(-se), de se tornar próprio, adequado, pertinente. Defendemos, assim que a reapropriação é um processo psicológico que só acontece depois da apropriação, neste caso, da leitura. A reapropriação é feita no mínimo a partir de um segundo contato com o texto literário lido. Dito em outras palavras, empregando a palavra reapropriação da Obra pelo leitor, queremos enfatizar um trabalho com a explicitação das emoções do leitor graças ao trabalho com a leitura do texto literário a ser lido. Enfatiza-se a reapropriação quando acontece identificação do sujeito-leitor com o lido. Ora, todo leitor se lê nas obras que ele lê. Todo ele se reinventa quando lê o mundo inventado pelo autor. Assim, a reapropriação da Obra pelo leitor pode vir de várias formas. Tomamos aqui a palavra reapropriação como sinônimo explícito de modificação da Obra e do leitor por esta.

Pensemos que o que o leitor tenha a dizer seja favorável pelos estudos literários notadamente porque estes “dedicam um lugar muito variável ao leitor”. (COMPAGNON, 2001, p. 139). Este lugar, muito variável por sinal é longe de ser negativo na voz de Compagnon. Particularmente o compreendemos como um trunfo no qual todo aquele que trabalha com o texto literário poderá experimentar. Compagnon, de fato, motiva o pesquisador a rever as posições antitéticas existentes no tocante ao tratamento dado ao leitor literário. Ela afirma o que segue: “de um lado, as abordagens que ignoram tudo do leitor, e do outro, as que o valorizam, identificam a literatura à sua leitura”. (op, cit, 2001, p. 139). Ora, se por um lado, o sujeito leitor fica de fora da leitura literária, nos incita a perguntar que tamanha lacuna, afinal, fomentamos no espírito do mesmo? Por outro, se

colocarmos este no coração da recepção da obra instituir-se-á o que Compagnon chamou de “um discurso subjetivo”. (op, cit, 2001, p. 164).

Esse discurso subjetivo tem estado presente desde 2004 nas escolas francesas e canadenses no tratamento da leitura literária. Refletindo sobre o tratamento do texto literário, no Quebeque, segundo Dezutter (2017, p.152), pode-se ler o que segue:

[...]“os professores do primário e do secundário visam ao desenvolvimento do prazer da leitura; aqueles do colegial, à constituição de uma cultura literária de base: a primeira centra-se na literatura quebequense enquanto que a segunda leva em consideração o patrimônio francês”.

Na França, Anne Godard (2015) afirma que foram feitas propostas didáticas sobre as práticas de leitura e de apropriação de códigos socioculturais associados à circulação e à legitimação das obras no âmbito escolar. Na França onde o estudo do fato literário foi introduzido nos programas em 2000, e na Bélgica desde os anos 1980 com o objetivo de favorecer a apropriação cultural dos alunos em dificuldade. Essa apropriação, a nosso ver, releva de uma aprendizagem na qual o aluno é o centro do movimento pedagógico instaurado nesses países.

Fizemos, a título de exemplo, uma análise do livro de 6º ano escolar da França - para franceses e não para estrangeiros que aprendem o francês - *Livre Unique* – Collection Passeurs de textes (Passadores de textos) publicado em 2016 para o 3º ciclo (6º ano) do novo programa de língua francesa e visamos apenas às explorações pedagógicas a partir de textos literário apresentados no livro em questão. Dos textos e atividades analisados apresentamos neste artigo, uma fábula. Observamos que do capítulo em análise, os autores do livro didático francês apresenta um tema geral reunindo fábulas diferentes. O sujeito-leitor adentra a leitura de *O Lobo e o Cordeiro* escrita por Jean de La Fontaine. Os autores do livro pedem ao aluno que ele leia a fábula, depois, a desenhe, é a primeira atividade a ser feita. Depois, o aluno deverá escutar a fábula e a partir desta escuta, o aluno escreverá sobre o que a entonação da contista da fábula o transmite, ou seja, qual a impressão que se pode criar dos personagens lobo e carneiro através da entonação da contista. Leva a nosso ver o aluno a estimular sua memória auditiva e emoção ao mesmo tempo. Indo mais adiante, temos o tópico *Compreensão de texto*. O que nos chamou a atenção é que o gênero em questão é apresentado didaticamente por partes temáticas, a saber, a vítima e o carrasco; um processo injusto; uma moral pessimista e balanço final da leitura. Depois têm-se as *Atividades* que se fundamentam na oralidade: coloca-se em voz a fábula, quer dizer incita os alunos a ler a fábula como se estivessem representando. ~~Pede-se~~ aos mesmos que memorizem os versos, recitem a fábula e a representem. Há um roteiro para essa atividade oral na qual, cada aluno, imitando o fabulista, o

lobo e o cordeiro darão entonações diferentes segundo os personagens. Concluímos que há uma possível implicação dos alunos com a fábula em questão, fomentam as atividades o estímulo dos dois hemisférios do cérebro. Em outras palavras, o lado subjetivo do aluno não é deixado de lado já que se demanda dele implicação sobre o texto estudado na sala de aula pelo desenho, pela oralidade, a memorização, recitação, representação exigindo deles voz e corpo.

Vejam o próximo tópico no qual apresentamos a exploração pedagógica feita com os alunos do Mestrado Profletras focada na descoberta de suas subjetividades ditas necessárias e acidentais.

Proposta de atividades para leitura de texto literário: análise da subjetividade necessária e acidental na leitura do capítulo 56 de *Como um romance* de Daniel Pennac

Antes de falar do capítulo escolhido e apresentar a atividade que propusemos para a análise da subjetividade dos alunos do PROFLETRAS, falaremos da Obra que inspirou esta prática pedagógica e definiremos o que vem a ser subjetividades necessária e acidental.

A obra *Como um romance* do autor francês Daniel Pennac (1944-) trata do tema da leitura, dos deveres e dos direitos do leitor. Ela narra a história de um garoto que, como vários na sociedade, convivem no dia-a-dia da escola, com a leitura obrigatória. O livro que o personagem da narração tem que ler, e em pouco tempo, é bem grosso, o que o aflige deveras. Os pais do personagem central agem como a maioria dos pais na sociedade de hoje, ou seja, impondo-lhes o dever da escola e não sabem bem como lhe dar com a situação quando o filho não quer ler. Geralmente, não sabem porque o impõem. Mas, ele precisa ler porque vale nota! (...)

Nascem daí diversas formas de poder descortinar para o sujeito-leitor suas vivências com a leitura. Diversas situações, relativas a cada um de nós enquanto leitor, são apresentadas na história, e à medida que a leitura avança poderemos nos identificar com um tipo ou outro de situação vivida, com um tipo ou outro de leitor que surge na Obra.

Vale ressaltar que antes de dizer aos alunos de Profletras o que queríamos com a leitura da obra escolhida, os alunos professores leram integralmente a Obra e à vontade. Leram-na em casa, no ônibus, no metrô, onde queriam e como podiam. A nosso ver, esta didática da leitura à vontade, sem demanda de obrigação faz parte do tratamento subjetivo dado à leitura de nossos alunos-professores. Chegando o dia D de se trabalhar o exercício, pedimos que trouxeram cada um seu livro para a sala de aula.

O fato de termos escolhido o capítulo 56 foi devido a seu conteúdo. Ele apresenta duas situações extremas sobre o ato de ler. A primeira delas é que uma jovem em um carro em alta

velocidade joga pela janela do automóvel um livro grosso. A situação fala ainda sobre alguém que na prisão, fumou literalmente Platão e rasgou ou a Bíblia ou um outro livro para se limpar depois de ter ido ao banheiro. Ora, diante destas situações gritantes com o livro, o que fazer o professor mediador da leitura literária? Entendemos por mediação, a escuta atenta das falas e/ou escrita dos alunos, sempre com interações em seguida, com exercícios de explicitação de seus sentimentos sobre o lido. A mediação se torna assim uma forma de guia na resolução de problemas de compreensão. Depois da leitura prazer, sem exercícios imediatos para serem feitos, o aluno, a nosso ver, estará mais aberto para trocar suas impressões sobre o lido e como a troca é construção de sentidos fixará melhor o que leu porque ele soube se reapropriar do texto, modificado por ele, por ele modificando-se.

Afirmamos que é só na REleitura que se dará a exploração pedagógica evidenciando a subjetividade do leitor. Mas o que é subjetividade em leitura literária? Começemos por avaliar a subjetividade necessária que implica o leitor, no sentido de Jouve (2013, p.54) “quando estruturalmente requerida pelo texto. [...] Como o processo de representação”. Essa subjetividade necessária se desenvolve em nosso entender logo que o texto abre certas oportunidades para fundir com o que é lido às suas próprias experiências vividas “cujas lembranças retornam espontaneamente durante a leitura” (op, cit, p.54).

Quando aplicamos o exercício relativo ao capítulo 56 de Como um romance esse se fundou sobre a explicitação da *subjetividade necessária* e obtivemos dados observáveis. Primeiramente, relativo ao nível de sentimento da leitora-personagem. Constatamos que todas as leitoras-personagens – oriundas do imaginário de nossos alunos - eram infelizes posto que arremessaram o livro pela janela. O que variava era as respostas dadas pelo motivo dessa infelicidade. Uma aluna disse que a infelicidade é dada pelo sentimento de insatisfação daquilo que a personagem lia; outra, pela sensibilidade em demasia daquela personagem leitora, pois o livro a tocou profundamente abrindo feridas mal curadas; ainda outra, afirma que era infeliz pelo sentimento de frustração causado pelo leitura; outra pelo horizonte de expectativa rompido cruelmente; uma outra ainda escreve sobre o sentimento de revolta ou que a leitora tinha um problema mental; outro, por um sentimento de descontentamento; da impotência da personagem leitora de não poder controlar o destino dos personagens; sentimento de raiva e outra, enfim explicita, o sentimento de decepção com o lido.

Assim se dá a subjetividade necessária. Essa preenchida pelos vazios do texto. Mas, e quando o aluno lê e fala sobre algo que lhe fez lembrar do que aparentemente nada tenha a ver com

a passagem lida? A isso Jouve (2013) chama de subjetividade accidental. Ele afirma (2013, p. 57-58) que é aquela em que “o leitor coloca a subjetividade no lugar onde ela não estava prevista pelo texto. [E apresenta dois planos em que essa subjetiva se manifesta], no plano afetivo, onde a identificação é geralmente vivida subjetivamente pelos leitores. [...] No plano intelectual, a compreensão padece da subjetividade dos leitores.” Jouve diz ainda que pelos limites de nossas faculdades de memória, não podemos assimilar o conjunto dos dados textuais. Assim, aquilo que retemos releva de nosso centro de interesse. Logo, entendemos a subjetividade accidental nestes dois planos como acréscimo na obra desencadeado pela subjetividade necessária do texto.

Os alunos apresentaram, nas análises que fizemos em suas atividades, no tocante à subjetividade accidental, os dois planos destacados por Jouve (2013), a saber, afetivo e intelectual.

No Plano afetivo temos a identificação, pois podemos ler que “a ideia de jogar um livro pela janela ou de queimá-lo lhe pareceu estúpida. Mas confessa que já quis jogar um livro no mar”; a outra escreve que “a relação com o livro é a de posse e gosto de socializá-lo repassando a outros leitores o prazer que ele [a] proporcionou”; outro aluno diz que “trato meus livros como queridos e amados. [...] eles têm vida ativa, dialogam comigo, me ensinam e me dão prazer”; “Quando leio os livros que me trazem experiências prazerosas, sinto-me como a personagem do conto *Felicidade Clandestina* – sou mulher com o seu amante. E aí são livros tratados com carinho, cuidados com amor”; outra diz que “o que me importa mais é de [que ela entenda] a intimidade com a Literatura do que a simples posse do livro”; “A passagem em questão suscita amor, o prazer que se tem diante da leitura [...] essa chama que arde diante de uma boa leitura”, diz ainda, uma outra aluna; Ainda podemos ler que a obra lhe tocou nesta passagem particularmente “que as histórias, conteúdos dos livros esteja dentro de si, da sua mente, do seu coração, onde ficarão guardadas independentemente do que aconteça com o livro físico. [...] então a partir do momento que a obra está dentro de nós, a parte física não tem muito valor”; Uma outra afirma que a passagem em questão lhe evoca que “as pessoas são plurais, tem suas características [...] eu bebi a água e joguei o copo fora. Mas o gosto daquela água jamais será esquecido”. Outro escreveu ainda que “o preço do amor, o resgate da intimidade. [...] amar assim um livro ou alguém é estar em casa, sem roupas e sem maquiagem e até às vezes ser desagradável pois sem máscaras sociais” que “presenciar uma obra sendo jogada pela janela de um carro pode ser chocante [...] se a obra não toca ou não nos emociona passamos a tratar o livro como apenas mais um objeto [...] se não houver captura, se não sensibiliza o leitor, o livro trata-se apenas de folhas de papel impressa e sem vida”.

No plano intelectual que inclui a compreensão linguístico-cultural da Obra, os alunos não tiveram nenhuma dificuldade sobre a mesma. Afirmaram que a obra foi muito “leve e profunda, simples e clara, direta e objetiva. Um prazer em lê-la”.

Conclusões

O presente artigo buscou compreender a leitura subjetiva feita pelos alunos do Mestrado Profletras da UFPE na Obra *Como um romance* (1993) do escritor francês Daniel Pennac. Da leitura sem atividade à uma implicação subjetiva explicitada da leitura foi o processo escolhido como metodologia qualitativa na exploração pedagógica na leitura de textos literários.

Os resultados obtidos com a análise das subjetividades necessárias e acidentais dos alunos do Mestrado acima citados, nos fizeram entender que o professor de língua tendo que lidar com o texto literário poderá, sendo esta leitura obrigatória ou não, buscar meios diversos para explorá-lo colocando o sujeito-leitor no coração das atividades pedagógicas. Ora, pensamos que a formação do sujeito leitor literário se dá, sobretudo *até onde e como* implicamos nossos alunos na obra literária.

O agir professoral que concentra ou se (contenta) com as perguntas evasivas de Livros didáticos nos quais ainda se teima em perguntar apenas sobre o que o *eu lírico e o personagem faz, pensa e sente*, contribui essencialmente para o desengano de formação do leitor literário. Este poderá contribuir de fato, neste caso, a construir sentidos do texto literário levando-os para a vida porque aprende todos os dias a construir a vida com sentidos, na perspectiva em que não se sente mais um mero repetidor de formas e reconhecedor de gêneros. Ele ao contrário, além de repetir formas e reconhecer gêneros sabe fazê-lo porque interligado na forma e no fundo, ou seja, na estrutura e no conteúdo.

A proposta aqui presente teve como finalidade, convidar os professores de língua a pensar para a escola em atividades de exploração pedagógica com o texto literário colocando o sujeito-leitor ativo no processo da construção de sentidos, e ainda mais arraigados ao que constroem graças à explicitação de suas próprias subjetividades que o faz lembrar que é humano, e deve também experienciar nas atividades escolares o processo humanizador da e na formação leitora.

Referências

- COMPAGNON, Antoine. O Leitor. In - **O Demônio da teoria**. São Paulo, Humanitas, 2001.
- GODARD, Anne. **La littéraire dans l'enseignement du FLE**. Paris, DIDIER, 2015.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2001.

PERRONE-MOISÉS, Leila. **Mutações da literatura no século XXI**. 1ª Edição, São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

JOUVE, Vincent. A Leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas – In – **Leitura Subjetiva e ensino de literatura**. (Org.) Rouxel, Annie, Langlade e Rezende, Neide Luzia, São Paulo, Alameda, 2013.

ROLLAND, Jean-Yves. **Apprendre à prononcer - quels paradigmes en didactique des langues?**, Paris : BELIN, 2011.